

03/05/2017 - 05:00

O plutopopulismo de Donald Trump

Por **Martin Wolf**

Os cem primeiros dias da presidência de Donald Trump trouxeram algumas boas notícias e algumas más notícias. A boa notícia é que, embora de maneira caótica, ele está governando mais como um republicano ortodoxo pós-Reagan do que a maioria esperava. A má notícia é que ele está governando mais como um republicano ortodoxo do que a maioria esperava. Isso agora parece se verificar em todas as áreas da política pública, tanto domésticas quanto internacionais. E se verifica inegavelmente na política econômica.



A ideia de reconstruir a infraestrutura dos Estados Unidos arrefeceu. O protecionismo comercial parece tímido. Mas a desregulamentação ainda é um objetivo. A reforma fiscal também, com a conhecida combinação de dádivas sem lastro e pensamento mágico sobre os déficits. As políticas de Trump se parecem cada vez mais com as de Reagan, só que lançadas de um ponto de partida mais desfavorável.

Ao anunciar o plano fiscal, a Casa Branca foi essencialmente coerente com a natureza deste governo. É difícil imaginar outro governo que anunciasse reformas radicais do sistema de impostos em um documento de uma página, tão cru quanto este. Seria risível, se não fosse tão prejudicial para a reputação de competência dos EUA em formulação de política pública. O plano deverá estar morto ao chegar ao Congresso, em grande medida porque já não está vivo de saída.

A página única divulgada pela Casa Branca na semana passada encerra efetivamente, no entanto, ideias muito semelhantes às anunciadas pelo candidato Trump. Isso nos possibilita remontarmos à análise publicada pelo instituto independente de análise e pesquisa Tax Policy Center (TPC) em outubro. Embora tenhamos poucos motivos para esperar que um plano como este seja sancionado, aquela análise anterior nos ajuda, sem dúvida, a entender o quanto o ponto de partida do governo se distancia do bom senso em política fiscal.

Começemos pelos efeitos sobre o déficit fiscal. De acordo com o TPC, o plano elevará o déficit público (mesmo após considerados os efeitos macroeconômicos benéficos) em pouco menos de 3% do Produto Interno Bruto (PIB) durante o período em que permanecer em vigor. Mas, de acordo com o Fundo Monetário Internacional (FMI), os EUA já estão contabilizando um déficit estrutural dos três níveis do governo, que deverá subir, ao que se estima, para pouco menos de 6% do PIB no início da década de 2020.

Com o acréscimo dos pretendidos cortes de impostos, poderá surgir na década de 2020 um déficit estrutural dos três níveis do governo de bem mais que 8% do PIB. Isso levará a um aumento explosivo do endividamento. Não se pode permitir que isso aconteça, especialmente porque a dívida líquida dos três níveis do governo está atualmente em mais de 80% do PIB, em relação aos 45% contabilizados antes da crise, e ao percentual muito menor da época

em que Reagan assumiu o poder. O déficit estrutural precisa ser reduzido, não aumentado. Mas este impulso fiscal não foi pensado como temporário, e, além disso, vai ocorrer numa época em que o desemprego corresponde a 4,5% da população economicamente ativa. Será do tipo errado, na época errada.

Trump pretende gerar resultados para o 1% mais rico. O plutopopulismo é altamente eficaz do ponto de vista político. Mas funciona tornando a base cada vez mais revoltada e mais desesperada. Isso é brincar com o fogo político. A república poderá sobreviver a Trump. O que virá depois?

Seus defensores sugerem, em resposta a isso, que o plano poderá arcar com seus próprios custos, por meio do aumento da atividade econômica. Em vista da baixa taxa de desemprego, isso parece muito pouco provável. Mas o secretário do Tesouro dos EUA, Steven Mnuchin, chegou até a sugerir que, associados a outras políticas de governo, os cortes de impostos possam elevar a taxa de crescimento tendencial dos EUA para 3%, em relação à atual tendência de pouco menos de 2%.

Esse aumento do crescimento seria bom. Mas é muito pouco provável, pelos motivos explicitados por Jason Furman, ex-presidente do Conselho dos Assessores Econômicos. Para que ele ocorra, argumenta, estaria longe de ser suficiente para reverter a queda da participação na população economicamente ativa. Haveria também a necessidade de um aumento do crescimento da produção por hora, do 1,2% obtido nos últimos dez anos, para 2,8%. Essa taxa de crescimento da produtividade foi extremamente rara no passado, durante qualquer período de tempo prolongado. Seria loucura os formuladores de política pública simplesmente pressuporem que isso vai acontecer.

A pergunta então é se esses enormes cortes de impostos poderiam ter seus efeitos neutralizados em outras áreas. O ajuste fiscal de fronteira aos impostos das empresas parece agora ser uma ideia morta. Portanto, a única solução seria enormes cortes dos gastos. A redução dos gastos de, digamos, 2,5% do PIB significaria um corte dos gastos federais de cerca de 12%. Mas quase 90% desses gastos vão para a defesa, saúde, programas de complementação de renda, benefícios de veteranos, previdência social e juros. Supondo-se que esses itens serão protegidos, qualquer outro item dos gastos federais terá de ser eliminado. A participação do governo federal, em muitas áreas, desapareceria.

As propostas fiscais, além disso, parecem aterrorantemente regressivas. Segundo a análise do TPC, a faixa do 0,1% superior da distribuição de renda poderá receber um corte médio de imposto próximo de 14,2% da renda depois dos impostos, enquanto as famílias de renda média receberão um corte médio de impostos de 1,8%. Entre as mudanças assustadoramente regressivas estão a revogação do imposto mínimo alternativo, a revogação dos impostos imobiliários e enormes reduções das alíquotas de imposto corporativo, inclusive os incidentes sobre as empresas de um só proprietário, de sócios e de responsabilidade limitada cujos donos pagam impostos como pessoa física. Deve-se dar aos que têm. Essa é a doutrina de Trump. É também a velha doutrina republicana do gotejamento em sua forma mais pura.

Trump conquistou a indicação pelo Partido Republicano ao prometer ser um tipo de republicano diferente. Não é. O que ele conseguiu foi tornar o engodo ainda mais evidente. Republicanos pós-Reagan alcançaram a base ao fazer campanha sobre questões culturais, e não sobre legislar para o 1% que mais ganha.

Isso é "plutopopulismo". Trump acrescentou gastos em infraestrutura, protecionismo comercial e apoio ao Medicare e à previdência social. Mas ele também pretende gerar resultados para o 1% de maior renda. O plutopopulismo é altamente eficaz do ponto de vista político. Mas funciona tornando a base cada vez mais revoltada e mais desesperada. Isso é brincar com o fogo político. A república poderá sobreviver a Trump. Mas o que virá depois? **(Tradução de Rachel Warszawski)**

